

**FABIANO TADEU GRAZIOLI
(ORGANIZADOR)**



A EXPRESSIVIDADE E SUBJETIVIDADE DA LITERATURA

Atena
Editora
Ano 2019

Fabiano Tadeu Grazioli

(Organizador)

A Expressividade e Subjetividade da Literatura

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Karine de Lima
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
E96	A expressividade e subjetividade da literatura [recurso eletrônico] / Organizador Fabiano Tadeu Grazioli. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-593-8 DOI 10.22533/at.ed.938190209 1. Criação (Literária, artística etc.). 2. Literatura – Estudo e ensino. I. Grazioli, Fabiano Tadeu. CDD 801.92
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O que é expressivo e o que é subjetivo na literatura? A expressividade e a subjetividade são elementos indissociáveis na construção da obra literária? Se tomamos a expressividade como a capacidade de utilizar a palavra em um nível que a desvincula do pragmatismo da língua, como ela se manifesta nas obras que chamamos de literárias justamente pela capacidade de seus criadores operarem com cuidado tal elemento? E se tomamos a subjetividade como a manifestação do sensível, como ela se transfigura na literatura e opera, justamente no nível da expressividade, da construção dos textos artísticos? A expressividade e a subjetividade são elementos que compõem as obras que procuram alcançar o público adulto ou são intrínsecas também na construção da obra pensada para o público infantil e juvenil? A expressividade e a subjetividade devem ser observadas e mesmo definir os princípios que envolvem a mediação de leitura, já que percebê-las é um fator determinante na recepção da obra? As características da literatura focalizadas nessa obra ultrapassam o texto impresso e migram para outras linguagens, como a dança, o cinema e os gêneros textuais que as redes sociais abarcam?

Essas e muitas outras questões em torno do título da chamada para a presente obra inspiraram pesquisadores de diversas instituições brasileiras a escreverem os textos que a compõem, muitos assumindo as reflexões com as quais abrimos esta Apresentação, outros simplesmente inspirados por elas.

O entendimento muito particular das questões levantadas anteriormente levou ao desdobramento do título da chamada – e da obra – em trabalhos de temáticas variadas, e que, por vezes, entrecruzam-se, haja vista abordagens parecidas, o aproveitamento dos mesmos aportes teóricos, o estudo de obras de mesmos autores ou autoras ou épocas, ou, então, a pesquisa sobre obras destinadas ao mesmo público. A divisão que propomos ao organizarmos a obra serve somente para melhor agruparmos os estudos em temáticas e para apresentá-los, tendo em vista alguma aproximação. Contudo, o Sumário que propomos é contínuo, sem as divisões que o leitor perceberá nesta Apresentação.

Nos primeiros seis textos, são abordadas importantes temáticas em obras escritas por mulheres, que trazem temas como a representação da memória, a escrita autobiográfica, o testemunho, as questões de gênero, entre outros. Na ordem em que aparecem na obra, eles abordam especificamente: a dimensão simbólica espaço-temporal na linguagem que compõe a narrativa *A cidade sitiada*, de Clarice Lispector; a representação das memórias de tempos de grande sofrimento – a espera do marido que estava preso no campo de concentração de Buchenwald, no período da ocupação alemã na França – na obra *A Dor*, da escritora francesa Marguerite Duras; o fazer literário a partir do romance contemporâneo *Desamparo*, da escritora portuguesa Inês Pedrosa, com destaque para a utilização da memória na estrutura da narrativa, na História ou na fábula, lugar em que se cruzam o político e o biográfico de Portugal e do

Brasil; a análise da constituição do medo na narrativa fantástica *Lídia*, de Maria Teresa Horta, que resulta em uma releitura das relações de gênero, destacando a presença emudecida e silenciada do outro: a mulher; a escrita historiográfica de Elisabeth Badinter no seu livro *Émilie, Émilie*, com vista a discutir as representações sociais sobre o papel destinado à mulher no *status quo* do ocidente, via análise do cenário social no século XIII; o silenciamento do testemunho feminino em *A guerra não tem rosto de mulher*, de Svetlana Aleksievitch.

Os três capítulos seguintes também tratam de obras literárias escritas por mulheres. O primeiro dos três aponta a marca feminina na composição de *Coletânea das Flores: poetizas do Pajeú*, subvertendo a hegemonia masculina na autoria da poesia popular nordestina e deixando em evidência a utilização de diversos recursos poéticos e a contribuição valiosa da escrita poética de mulheres que vieram para somar e ampliar o universo predominantemente masculino. O segundo trata da representação de Lisboa na literatura de autoria feminina, tomando, para isso, as obras de Luísa Sigeia, Teresa Orta, Ana Plácido, Guiomar Torresão, Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta e Maria Velho da Costa. O terceiro fecha a presença da literatura produzida por mulheres trazendo à obra uma interpretação do conto *Ovo e a Galinha*, de Clarice Lispector, baseada em um viés epistemológico, relacionando a narrativa à filosofia de Kant, como uma teorização acerca da dualidade de conhecimentos possíveis, o cognoscível e o conhecimento das coisas em si.

Ainda na esteira das análises de obras literárias, um estudo demonstra a cena de escrita, que se dá na encenação do ato de escrituração, nos poemas *A faca não corta o fogo*, *Servidões* e *A morte sem mestre*, de Herberto Helder. Na sequência, são focalizadas as questões identitárias e de gênero literário no relato de vida indígena *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*, de Davi Kopenawa e Bruce Albert. O capítulo seguinte apresenta as correlações entre o som e silêncio com os momentos finais da incansável busca dos amantes da obra *Avalovara*, de Osman Lins, e as possíveis associações com o sagrado impregnado na tradição oriental do tantrismo. O capítulo seguinte trata de uma leitura sobre o conto *Insônia*, de Graciliano Ramos, que observa os aspectos estruturais de sua narrativa e possibilita estabelecer uma relação com os princípios que norteiam a literatura fantástica. No capítulo que é apresentado posteriormente, os pesquisadores realizam uma análise da obra *Belém do Grão-Pará*, de Dalcídio Jurandir, com objetivo de refletir sobre os personagens infantis que surgem nessa narrativa como figuras metonímicas do desnudamento humano, apontando para a condição de exceção daqueles que estão à margem de qualquer privilégio no contexto pós-belle époque. No fechamento dessa parte, evidencia-se um estudo da obra *Saudade*, do escritor Tales de Andrade, que recai na análise acerca da linguagem empregada pelo autor, a partir, principalmente, dos pressupostos teóricos de Alice Maria Faria, recuperados do texto *Purismo e coloquialismo nos textos infanto-juvenis*.

Pensar a expressividade e a subjetividade da literatura só tem sentido se o encontro entre obra literária e leitor, de fato, ocorrer. Assim, a obra que estamos a

apresentar abre espaço para alguns estudos que refletem sobre a mediação de leitura, a formação de leitores e a formação de professores. Dessa maneira, na sequência, dois pesquisadores realizam uma reflexão sobre a formação de leitores na infância, isto é, nas séries iniciais do ensino fundamental, com o objetivo básico de dialogar com as concepções teóricas e práticas que sustentam a formação de leitores nessa fase escolar, levando-se em conta os processos de alfabetização e de multiletramentos. Em seguida, tem espaço um capítulo sobre a construção dos sentidos do texto literário por crianças do 1º ciclo de formação humana. Com base nos dados recolhidos pelas autoras/pesquisadoras, é possível afirmar que as crianças mostram-se ativas participantes da interação propiciada pelos Círculos de Leitura (prática de mediação de leitura proposta pelo pesquisador Rildo Cosson), apontando aspectos interessantes nos livros, quando fazem previsões motivadas, sobretudo, pelas imagens. As análises também mostram a necessidade de mediação para que elas ampliem a compreensão de textos literários desafiadores, que exigem do leitor habilidades complexas, como a de realizar inferências. O estudo seguinte abre espaço para importantes reflexões sobre a leitura e a escrita no contexto da infância. Posteriormente, a obra traz um capítulo que reúne reflexões presentes em duas pesquisas – uma de mestrado e outra de doutorado –, cujo objeto comum é o interesse em pensar o letramento literário, tendo em vista a mediação e a recepção da literatura juvenil. No capítulo apresentado depois, a formação de leitores literários continua sendo focalizada, contudo em um trabalho que reflete sobre a literatura e formação inicial e continuada de professores leitores literários, o que nos leva a afirmar que a leitura literária deve ser pensada em campos distintos de atuação: junto aos pequenos e jovens leitores e junto àqueles que se preparam para mediar as práticas de leitura realizadas com os primeiros. Ganha espaço, na continuação da obra, um estudo sobre o Estágio Supervisionado Obrigatório, componente curricular central na formação inicial de professores e professoras.

Uma vez que não podemos conceber a literatura sem considerar o diálogo com as outras artes e linguagens, a obra encerra-se com quatro estudos, um sobre a relação entre um poema e a dança, dois sobre cinema e um sobre um gênero textual que tem comparecido nas redes sociais de maneira recorrente, o “meme”. No primeiro capítulo dessa última parte, é apresentado um trabalho investigativo de literatura comparada do poema *L'après-midi d'un faune*, de Mallarmé, e a notação coreográfica de Nijinsky inspirado no poema, também intitulada *L'après-midi d'un faune*. Adentrando na área do cinema, temos uma análise hermenêutica do percurso do personagem Che Guevara, de *Diários de motocicleta*, filme do cineasta Walter Salles, a partir do arcabouço teórico fornecido pelo conceito de “engajamento”, disseminado nos escritos de Jean-Paul Sartre e, mais especificamente, na entrevista *O existencialismo é um humanismo*, de 1945. O capítulo posterior é uma instigante reflexão sobre cinema, fabulação e educação infantil. Fecha a obra uma investigação sobre o gênero textual digital “meme” e sua importância para a tomada de consciência política, a partir da metodologia conhecida como investigação-ação.

Ao todo, são trinta e nove autores que compareceram a mais esta chamada da Atena Editora, alguns até assinando dois trabalhos na obra. Esperamos que o leitor que agora entra em contato com os capítulos perceba o entusiasmo que moveu um grupo tão grande e escolha os estudos de seu interesse para apreciação e leitura.

O organizador

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
DA MEMÓRIA À IMAGINAÇÃO: DIMENSÃO SIMBÓLICA ESPAÇO-TEMPORAL EM <i>A CIDADE SITIADA</i> DE CLARICE LISPECTOR	
Maria de Lourdes Dionizio Santos	
DOI 10.22533/at.ed.9381902091	
CAPÍTULO 2	7
ARQUIVOS DA MEMÓRIA EM <i>A DOR</i> DE MARGUERITE DURAS	
Maria Cristina Vianna Kuntz	
DOI 10.22533/at.ed.9381902092	
CAPÍTULO 3	15
REMEMORAÇÃO EM PROCESSO - INÊS PEDROSA	
Ulysses Rocha Filho	
DOI 10.22533/at.ed.9381902093	
CAPÍTULO 4	24
MEDO E RELAÇÕES DE GÊNERO EM UMA NARRATIVA FANTÁSTICA DE MARIA TERESA HORTA	
Ana Paula dos Santos Martins	
DOI 10.22533/at.ed.9381902094	
CAPÍTULO 5	32
MULHERES E AMBIÇÃO NA ESCRITA DE ELISABETH BADINTER	
Anna Christina Freire Barbosa	
DOI 10.22533/at.ed.9381902095	
CAPÍTULO 6	41
O SILENCIAMENTO DO TESTEMUNHO FEMININO EM <i>A GUERRA NÃO TEM ROSTO DE MULHER</i> DE SVETLANA ALEKSIÉVITCH	
Émile Cardoso Andrade	
Thayza Alves Matos	
DOI 10.22533/at.ed.9381902096	
CAPÍTULO 7	49
PERIGLOSAS: TRADIÇÃO E RUPTURA NA POESIA DO PAJEÚ	
Luiz Renato de Souza Pinto	
DOI 10.22533/at.ed.9381902097	
CAPÍTULO 8	58
A CIDADE QUE NÃO É DE ULISSES, O PARAÍSO QUE NÃO É DE EVA	
João Felipe Barbosa Borges	
DOI 10.22533/at.ed.9381902098	

CAPÍTULO 9	69
CLARICE LISPECTOR E A EPISTEMOLOGIA: UMA ANÁLISE DE <i>O OVO</i> E <i>A GALINHA</i> A PARTIR DA <i>CRÍTICA DA RAZÃO PURA</i> , DE KANT	
Alexandre Bartilotti Machado	
DOI 10.22533/at.ed.9381902099	
CAPÍTULO 10	79
CENAS DE ESCRITA NO ÚLTIMO HERBERTO HELDER	
Roberto Bezerra de Menezes	
DOI 10.22533/at.ed.93819020910	
CAPÍTULO 11	87
EU, TU E NÓS: QUESTÕES IDENTITÁRIAS E LITERÁRIAS EM <i>A QUEDA DO CÉU: PALAVRAS DE UM XAMÃ YANOMAMI</i>	
Juliana Almeida Salles	
DOI 10.22533/at.ed.93819020911	
CAPÍTULO 12	97
TRANSFIGURAÇÃO E SILÊNCIO EM <i>AVALOVARA</i> , DE OSMAN LINS	
Martha Costa Guterres Paz	
DOI 10.22533/at.ed.93819020912	
CAPÍTULO 13	110
A (DES)RAZÃO COMO ESPAÇO DO FANTÁSTICO EM “INSÔNIA”, DE GRACILIANO RAMOS	
Maria de Lourdes Dionizio Santos	
DOI 10.22533/at.ed.93819020913	
CAPÍTULO 14	117
A INFÂNCIA DESNUDA: A REGRA NA VIDA DOS AGREGADOS DA FAMÍLIA ALCÂNTARA EM <i>BELÉM DO GRÃO PARÁ</i> DE DALCÍDIO JURANDIR	
Rosane Castro Pinto	
Augusto Sarmiento-Pantoja	
DOI 10.22533/at.ed.93819020914	
CAPÍTULO 15	127
O PURISMO GRAMATICAL NA OBRA <i>SAUDADE</i> , DE TALES DE ANDRADE	
Rondinele Aparecido Ribeiro	
Fabiano Tadeu Grazioli	
DOI 10.22533/at.ed.93819020915	
CAPÍTULO 16	136
FORMAÇÃO DE LEITORES NA INFÂNCIA: PISTAS PARA MULTILETRAMENTOS	
José Teófilo de Carvalho	
Krisna Cristina Costa	
DOI 10.22533/at.ed.93819020916	

CAPÍTULO 17	151
A CONSTRUÇÃO DOS SENTIDOS DO TEXTO LITERÁRIO POR CRIANÇAS DO 1º CICLO DE FORMAÇÃO HUMANA	
Maria Elisa de Araújo Grossi Maria Zélia Versiani Machado	
DOI 10.22533/at.ed.93819020917	
CAPÍTULO 18	166
LEITURA E ESCRITA: UM MUNDO A SER DESCOBERTO PELA CRIANÇA	
Ana Lucila Macedo dePossídio Elinalva Coelho Luz	
DOI 10.22533/at.ed.93819020918	
CAPÍTULO 19	172
LITERATURA JUVENIL NA PERSPECTIVA DOS LEITORES E DOS MEDIADORES	
Eliana Guimarães Almeida Lívia Mara Pimenta de Almeida Silva Leal Maria Zélia Versiani Machado	
DOI 10.22533/at.ed.93819020919	
CAPÍTULO 20	186
LITERATURA E FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUADA DE PROFESSORES LEITORES LITERÁRIOS: UM ENTRE-LUGAR OU UM NÃO-LUGAR?	
Cleudene de Oliveira Aragão	
DOI 10.22533/at.ed.93819020920	
CAPÍTULO 21	202
ESTÁGIO SUPERVISIONADO OBRIGATÓRIO: LEITURA E RELEITURA DO PERCURSO FORMATIVO DOCENTE	
Rosileide dos Santos Gomes Soares Adelina Maria Salles Bizarro Kamila Kayrelle Barbosa Gomes	
DOI 10.22533/at.ed.93819020921	
CAPÍTULO 22	216
A POÉTICA DE <i>L'APRÈS-MIDI D'UN FAUNE</i> : DOS VERSOS AOS PALCOS, O HÍMEN DE MALLARMÉ	
Thaís Meirelles Parelli	
DOI 10.22533/at.ed.93819020922	
CAPÍTULO 23	225
<i>DIÁRIOS DE MOTOCICLETA</i> : É POSSÍVEL SE FALAR EM CINEMA ENGAJADO NA CONTEMPORANEIDADE?	
Deise Quintiliano Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.93819020923	

CAPÍTULO 24	236
CINEMA, FABULAÇÃO E EDUCAÇÃO INFANTIL	
Janete Magalhães Carvalho	
Sandra Kretli da Silva	
Tânia Mara Zanotti Guerra Frizzera Delboni	
DOI 10.22533/at.ed.93819020924	
CAPÍTULO 25	242
O MEME ENQUANTO GÊNERO TEXTUAL E SUA IMPORTÂNCIA NA TOMADA DE CONSCIÊNCIA POLÍTICA	
Kleberson Saraiva dos Santos	
Stanley Gutierey Messias da Paz	
Erisvânio Araújo dos Santos	
Glaúbia de Castro Amorim	
Carollaine Pinto de Souza	
Patrícia Ferreira Alves	
DOI 10.22533/at.ed.93819020925	
SOBRE O ORGANIZADOR	253
ÍNDICE REMISSIVO	254

PERIGLOSAS: TRADIÇÃO E RUPTURA NA POESIA DO PAJEÚ

Luiz Renato de Souza Pinto

Instituto Federal de Mato Grosso (IFMT)

Cuiabá-MT

RESUMO: A tradição do cordel, bem como de toda a poesia popular no Brasil, remonta à hegemonia masculina em torno de um eu-lírico excludente, o que tem sido revisitado, embora de maneira vagarosa. No terreno da oralidade nordestina, começa a dar ares de mudança com mulheres jovens percorrendo esse ideal estético na trilha da poesia. **Objetivo:** Buscamos contribuir com essa reflexão apresentando autoras do Vale do Pajeú que têm buscado esse caminho e começam a colher resultados. **Metodologia:** Fiz um levantamento das formas fixas, da métrica e das temáticas abordadas individualmente e na somatória do grupo. Identifiquei elementos que reproduzem a tradição e os que contrastam imprimindo a marca feminina. **Resultados e Discussão:** Em *Coletânea das Flores: poetizas do Pajeú*, essas jovens nos apresentam 87 poemas, sendo 47 décimas, 34 sonetos, dentre outras formas fixas, quase na totalidade decassílabos, versando sobre temáticas caras ao grupo e ao cordel, quer seja a “roedeira, amores, felicidades, famílias e paisagens”. **Conclusão:** Fazendo coro a inúmeros estudos que se debruçam sobre esse objeto, vejo que as mulheres vieram

para somar e ampliar o universo da poesia, no qual merecem ser muito mais do que objetos e se apresentam (definitivamente) como sujeitos!

PALAVRAS-CHAVE: Poesia. Cordel. Mulheres. Literatura. Sertão.

PERIGLOSAS: TRADITION AND RUPTURA IN PAGEU'S POETRY

ABSTRACT: Introduction: The tradition of cordel, as well as all popular poetry in Brazil, goes back to male hegemony around a excluding lyrical ego, which has been revisited, although in a slow manner. In the field of Northeastern oral literature, the movement begins to show a change with young women traveling through this aesthetic ideal in the path of poetry.

Objective: Strive to contribute to this reflection by presenting female authors from the Vale do Pajeú who have beginning to obtain results.

Methodology: I did a survey of the fixed forms, the metrics and the topics addressed individually and in the sum of the group. I identify elements that reproduce tradition and contrasted by imprinting the feminine mark.

Results and Discussion: In *Coletânea das Flores: poetizas do Pajeú*, these female youngsters present to us 87 poems, included 47 decimals, 34 sonnets, among other fixed forms, almost in their entirety decasyllables, dealing with topics that are dear to the group and to the string, traditionally,

whether it be “*roedeira, loves, happiness, families and landscape*”. **Conclusion:** Based on numerous studies which consisted this object that women have come to add and to expand the poetry universe, and consequently they deserve to be much more than viewers, but becoming (definitely) as protagonists!

KEYWORDS: Poetry. Cordel. Women. Literature. Outback.

A tradição da poesia popular no Brasil se encontra ainda presente nos festivais do Rio Grande do Sul, em seu cancionero gauchesco, como também no cordel nordestino, praticado em toda a região e com festivais concorridos, sobretudo em Pernambuco, Paraíba e no Ceará. A presença masculina é quase hegemônica, mas como em outras áreas de atuação, as mulheres vão ocupando os espaços aos poucos, mesmo que vagarosamente. Em São José do Egito, como em todo o vale do Pajeú, essa movimentação tem dado bons frutos. No dizer de alguns estudiosos, “A literatura de cordel brasileira, que desde os fins do século XIX vem apresentando uma vasta produção com títulos de excepcional qualidade, é um formidável legado do Nordeste à cultura nacional” (HAURÉLIO, 2012: p. 11).

Coletânea das Flores – poetisas do Pajeú é uma dessas publicações. Conheci esta obra quando estive na cidade de São José do Egito, Pernambuco, em janeiro deste ano, para a festa do Louro (Lourival Batista). Foram quatro dias de muita poesia e agitação cultural. O livro é uma coletânea de poemas de nove autoras da região do Pajeú, que somam 87 poemas, sendo quarenta e sete décimas, trinta e quatro sonetos, dentre outros formatos que se estendem sob o manto da literatura de cordel.

Por ordem de publicação, primeiro aparece Verônica Sobral (quatro sonetos e duas décimas), Dayane Lopes (cinco sonetos e sete décimas), Izabela Ferreira (três sonetos e oito décimas), Adriana Sousa (quatro sonetos e seis décimas), Elenilda Amaral (três sonetos e cinco décimas), Erivoneide Amaral (cinco sonetos e duas décimas), Ana Clara Menezes (três sonetos e oito décimas), Maria Antonia (três sonetos e cinco décimas), e Dayane Rocha (cinco sonetos e quatro décimas).

Observamos que do total, oitenta e dois poemas são decassilábicos e apenas cinco apresentam-se sob a forma de redondilha maior, ou seja, sete sílabas. Apenas Verônica Sobral, (1), Maria Antonia (1) e Erivoneide Amaral (3) fizeram uso da medida velha, ainda que de maneira majoritária tenham aderido ao clássico verso de dez sílabas.

De Verônica Sobral selecionei *A chuva no meu Sertão...* para comentar. São duas décimas que compõem o poema, compostas com a tradicional disposição em que se encontrem quatro pares de rimas paralelas, sendo que o verso 1 e o 4 formam também uma rima interpolada, como também o 5 e o 8 e o 6 com o 10, acontecendo o mesmo na estrofe seguinte.

As rimas são predominantemente pobres, ocorrendo uma única rica, entre os versos 8 e 9 da segunda estrofe. Há predomínio de graves, com ligeira movimentação

na segunda estrofe, com relação à primeira. Todas são consoantes, ou perfeitas, quanto à extensão ou sonoridade. Representam a agudez rímica os vocábulos chão/Sertão/turbilhão (primeira estrofe), este último representando a força das águas do Pajeú, em época de chuvas, o que sugere ligeiro estrondo. Na segunda décima, Sertão/oração/coração/ trazem a agudeza, no que diz respeito à tonicidade. É mesmo aguda a relação de religiosidade sertaneja aliada ao lado emocional, de onde se erige o império do sertão, representado pela inicial maiúscula no título e nas duas estrofes.

Quando a chuva visita o nosso chão
E a água escorrega sobre a terra,
A boiada, feliz, chocalha e berra.
É riqueza que chega no Sertão.
Nosso rio Pajeú, em turbilhão,
Sai rasgando feliz a madrugada
E o barulho do sapo, da estrada,
É possível ouvir em sinfonia.
E o sertão, com certeza, neste dia,
Comemora, em verso, a invernada!
As barreiras do rio desaparecem
E a água, em forte correnteza,
Toma conta do cultivo da represa,
Num instante os torrões se umedecem.
Sertanejos, no entanto, não esquecem
Que sofreram com a seca no Sertão.
Fecham os olhos e fazem uma oração
Pra que a chuva não mude de lugar.
Seguem firmes, pra roça, pra plantar
A semente de amor no coração!
(SOBRAL, 2017: p. 16).

Falar de Sertão é algo que perpetua esse diferencial de uma cultura plena, de um povo que se refestela com a grandiosidade do tema. Arlene Holanda nos traz certa problematização em torno do alcance e atualização do tema. “O sertão está no mundo e o mundo está no sertão. Para desagrado de alguns poetas e intelectuais, florescem as antenas parabólicas, a energia se espalha pelos bicos de luz que parecem estrelas adicionais no céu escuro de lua nova” (2013: p. 5).

De Dayane Lopes, trago o soneto *Ponto Final*.

Se o certo é deixar-me nesta hora
Boa sorte, então faça o que é certo
Só não deixe a saudade chegar perto
Nem recorde dos tempos de outrora
Vejo o ponto final e vejo agora
Que nem falta eu farei em sua vida
Pois só sente a dor da despedida

Quem ouviu: por favor, pode ir embora

Se te fiz tanto tempo infeliz
Mude o rumo e esqueça o que eu fiz
Vá atrás de outras bocas e carinhos,

Só te peço um favor, não me procure
Que talvez a ferida nunca cure
Mas irei procurar outros caminhos.
(2017: p. 29).

Neste poema, a disposição das rimas segue o padrão 1-4 (interpolada), 2-3 (emparelhada), nos dois quartetos e paralela 9 e 10, 12 e 13, sendo que os versos 11 e 14 fecham com outra rima interpolada. A curiosidade fica por conta do primeiro terceto, que inicia o desfecho da história com um par de rimas agudas (versos 9 e 10) dando uma cutucada naquele que parte (*Se te fiz tanto tempo infeliz...*), sendo também o único par de rima rica de todo o conjunto. Todas são consoantes perfeitas.

Sigo com a *Lição*, de Izabela Ferreira.

Como é bom encontrar-lhe sendo ex
Sem sentir tanto frio na barriga,
Sem ter dor por lembrar do que me fez
Nem levar a saudade como amiga

Se lhe vejo passando alguma vez
A angústia em meu peito nem se abriga
Quem foi minha razão de embriaguez
Hoje é o motivo pra que eu siga

Foi preciso chorar pra aprender
Quem nem sempre perder vai ser perder
E que há males que vem pro nosso bem

De nós dois só restou essa lição:
Não se dá a ninguém o coração
Nem se pede o amor a quem não tem!
(2017: p. 44).

Neste soneto a disposição das rimas é distinta do anterior. Os quartetos apresentam-se sob a forma de alternadas (abab), enquanto os tercetos são idênticos ao anterior (ccd eed). Todas consoantes, ou perfeitas. Os quartetos alternam-se em aguda/grave e as demais agudas, uma vez que buscam um desfecho em que o eu-lírico saia ileso da relação que tanto o (a) atormentou. Quanto à tonicidade ocorre um espelhamento interessante. No primeiro quarteto é rica/pobre, no segundo pobre/pobre. Inicia-se o terceto com pobre e depois pobre/rica.

Ela é tua prisão, eu sou a fuga
Ela julga teu erro, eu absolvo
Ela é causa maior da tua ruga
Sou porção, juventude a ti devolvo

Ela é um conflito que a paz suga
Sou a paz, teu problema eu quem resolvo
Ela insônia cruel que te madruga
E eu sono tranquilo que te envolvo

Ela hoje perdeu os seus encantos
Vive agora a chorar pelos recantos
Maldizendo o momento em que me achasse

Mas talvez seja eu a mais sofrida
Por saber que na hora da partida
Foi pra ela, amor, que tu voltasse
(SOUSA, 2017: p. 59).

Neste, de Adriana Sousa, intitulado *Antítese*, o espelhamento é de outra ordem. Reparem que os três primeiros versos do poema são introduzidos pelo pronome pessoal do caso reto (ela) e o último por um sujeito oculto (eu). No segundo quarteto, há um Ela/sou/Ela/E eu, alternando a sugestão do eu-lírico que busca caracterizar relações de oposição. O primeiro terceto é ela quem fala, enquanto que o último, iniciando-se pela conjunção adversativa (Mas) que caracteriza a antítese, do ponto de vista morfológico prepara o desfecho do poema, que na verdade deixa tudo em aberto, pois ao longo de todo o discurso sequer encontramos algum ponto final. Todas as rimas são graves, pobres e perfeitas.

Elenilda Amaral nos coloca diante da maldade do ser humano nesta décima que se segue:

Como pode existir tanta maldade
Sobre a face da terra que Deus fez
Onde o pobre que é pobre não tem vez
Quando tenta crescer, cai na metade.
Se resolve pedir por caridade
Sai vexado da cena ouvindo um não...
Vai juntando a riqueza o rico, em vão,
Pois pra Deus vale mais se dividida
Quando o banco de Deus empresta a vida
Não calcula o valor da prestação.
(2017: p. 64).

A métrica segue o padrão clássico da décima (abbaaccddc). A rima A é pobre/

grave, a B rica/aguda, a segunda A é pobre/grave, a primeira C é rica/aguda, a D rica/grave e a última C pobre/aguda. Todas consoantes perfeitas, cujo conjunto impacta a existência humana.

De Erivoneide Amaral, destaco *A seca no sertão*, na última das quatro décimas do poema:

(...)
Só o choro da nuvem carregada
É o pranto que cai com alegria
E a terra é o lenço com magia
Que enxuga sem ter que cobrar nada.
Esse choro anuncia a internada
E o soluço é barulho de trovão
Já o relâmpago com o seu clarão
Ilumina o céu com a sua luz
E o poder que só quem tem é Jesus
Traz de volta o sorriso do sertão.
(2017: p. 76).

Quanto à estrutura rímica, destaco o equilíbrio numérico dado ao jogo entre graves e agudas. As rimas dos primeiros cinco versos são todas graves, ao passo que as demais (os outros cinco) são agudas, o que talvez sugira ao leitor o poder da religiosidade popular que afeta o sertão em sua plenitude, e o regozijo de tal acontecimento, que traz a mansidão e a alegria. Ana Clara Menezes, por sua vez, deixa-me dividido, promove uma cesura em pensamento.

Eu divido essa cama com a saudade
O lugar que era seu, e hoje é dela
Essa luz, essa lua na janela
Clareou o teu corpo e a cidade
No teu corpo matei minha vontade
Nos teus lábios perdi o que era meu
Quando já não sabia o que foi seu
Inda ouvi um gemido ecoando
“Tô deitado na cama, recordando
Os virotes de amor que a gente deu.”
(2017: 95).

A estrutura é idêntica as décimas já apresentadas, base para as glosas tão populares em todo o sertão. Mas o capricho de poeta surge, a meu ver, nos versos seis e sete, quando os pronomes possessivos (seu e meu) trazem além da alteridade de uma suposta relação, o complemento ao final do mote explícito nos dois últimos versos, ao unir as duas pontas da relação (a gente). Nesse instante, as rimas agudas trazem para a leitura a tonicidade latente que impulsiona o sentimento fundador do

poema. A ausência física do amor é a pedra de toque do poema a seguir, de Maria Antonia, *Carta a Romeu*.

Me desculpe, amor, minha incerteza
Esse meu torto modo de agir
Se algum dia eu cheguei a te ferir
Me perdoe pois também tenho fraqueza

Nessa história, plebeu e realeza
Se uniram, pra enfim, poder sorrir
Hoje prezo ao castelo esse fingir
Foi quem me afastou da tua certeza

Nosso amor para mim é sonho forte
É desejo que leva até a morte
Que a novela do tempo não estraga

Nosso amor é raiz, firme e perene
Mesmo que todo mundo nos condene
Nosso amor é a luz que não se apaga.
(2017: p. 100).

Este não é o meu poema preferido de Maria Antonia, dentre os que compõem a antologia, mas o trago por reconhecer na temática um dos eixos centrais da publicação, a temática da roedeira, tão cara a todas as poetizas deste mosaico. O sentimento da perda amorosa, da ausência, essa “sofrência” nordestina que arrebatava a poesia do conjunto toma corpo e fala alto neste livro. São dois quartetos do tipo ABBA e os tercetos CCD EED. Dos sete pares de rimas, apenas dois são ricas (forte/morte; perene/condene), o mesmo número de agudas (agir/ferir; sorrir/fingir). Todas são consoantes perfeitas.

Encerro com Dayane Rocha, uma das organizadoras do livro e organizadora de mesas de glosas pelo nordeste do país. Desse talento da cidade de Tabira-PE trago *Amor Profano*:

Nosso cheiro ficou em nossa palma
Nosso carro de amor é tão sem freio
Que até quando ele pega no meu seio
Sinto até mais segura a minha alma.
Quem quiser me amar tem que ter calma
E ter o coração fortificado
Porque eu vou tirar o atrasado
Por ter me adiantado no andar.
“Amor santo demais é sem sabor
O gostoso é com gosto de pecado”.
(2017: p. 111).

Todas as rimas são consoantes perfeitas e em sua grande maioria conduzem o raciocínio pela estrutura de pobre/grave, até as duas últimas que se transfiguram em pobre/aguda e por último rica/grave, dando colorido especial ao ritmo desse amor casado com o mote de Pedro Torres Filho. Parece que o eu-lírico aqui quer dar um basta na roedeira, como se dissesse “só quero saber do que pode dar certo”. E para Dayane Rocha fiz também uma décima para dialogar com este belo poema.

Se o amor é profano pra você
Tem o gosto azulado da manhã
Mais parece adorado como o quê
Feito a um doce atirado pra cunhã
Curumim tão saudoso e cunhatã
Desejosos de si, tão à vontade
Se comeram ao sabor dessa vaidade
E hoje vivem debaixo de uma cruz
De pagão a ateu e ao bom Jesus
Um caminho repleto de saudade.

Em que pese o fato de o Modernismo romper com a rima e a métrica na construção dos versos, os tratados de Versificação ainda contemplam esses conceitos como basilares para que possamos compreender a lírica de nossos antepassados, como também aqueles que resistem às transformações da contemporaneidade. Tradição e ruptura convivem lado a lado para que possamos refletir sobre o que fizeram, o que faremos, e assim possamos contribuir para esse inventário da poesia que atravessa os séculos e séculos (amém!).

O conceito de Métrica, do latim *metrum*, medida, recebe o tratamento de “sinônimo de versificação e metrificação, designa o conjunto de regras e normas relativas à medida e organização do verso, da estrofe e do poema como um todo” (MOISÉS, 2004: p. 291). Que mulheres de todas as idades continuem se apropriando de espaços hegemonicamente masculinos e que a poesia deixe de ser musa, para que sirva como luva para a mão que amassa o verso, que lapida o verbo e constrói suas sintaxes e prosódias com o que haja de mais belo e pleno da língua portuguesa: palavras da salvação de uma cultura popular.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Elenilda. Sem nome. In: TAVARES, Bruna, ROCHA, Dayane (orgs.). **Coletânea das flores do Pajeú**. Recife: Edição das Organizadoras, 2017.

AMARAL, Erivoneide. A seca no sertão. In: TAVARES, Bruna, ROCHA, Dayane (orgs.). **Coletânea das flores do Pajeú**. Recife: Edição das Organizadoras, 2017.

ANTONIA, Maria. Carta a Romeu. In: TAVARES, Bruna, ROCHA, Dayane (orgs.). **Coletânea das flores do Pajeú**. Recife: Edição das Organizadoras, 2017.

FERREIRA, Izabela. Lição. In: TAVARES, Bruna, ROCHA, Dayane (orgs.). **Coletânea das flores do Pajeú**. Recife: Edição das Organizadoras, 2017.

HAURÉLIO, Marco (org.). **Antologia do Cordel Brasileiro**. São Paulo: Global, 2012.

HOLANDA, Arlene. **Sétimas Sentimentais Sertanejas**. Fortaleza: Conhecimento, 2013.

LEXICON, Herder. **Dicionário de Símbolos**. 8 ed. São Paulo: Cultrix, 2009.

LOPES, Dayane. Ponto Final. In: TAVARES, Bruna, ROCHA, Dayane (orgs.). **Coletânea das flores do Pajeú**. Recife: Edição das Organizadoras, 2017.

MENEZES, Ana Clara. Sem nome. In: TAVARES, Bruna, ROCHA, Dayane (orgs.). **Coletânea das flores do Pajeú**. Recife: Edição das Organizadoras, 2017.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de Termos Literários**. 14 ed. São Paulo: Cultrix, 2009.

ROCHA, Dayane. Amor Profano. In: TAVARES, Bruna, ROCHA, Dayane (orgs.). **Coletânea das flores do Pajeú**. Recife: Edição das Organizadoras, 2017.

SOBRAL, Veronica. A chuva no meu Sertão... In: TAVARES, Bruna, ROCHA, Dayane (orgs.). **Coletânea das flores do Pajeú**. Recife: Edição das Organizadoras, 2017.

SOUSA, Adriana. Antítese. In: TAVARES, Bruna, ROCHA, Dayane (orgs.). **Coletânea das flores do Pajeú**. Recife: Edição das Organizadoras, 2017.

TAVARES, Bruna, ROCHA, Dayane (orgs.). **Coletânea das flores do Pajeú**. Recife: Edição das Organizadoras, 2017.

ÍNDICE REMISSIVO

A

A cidade sitiada 1, 2, 3, 6
Alteridade 23, 29, 54, 74, 87, 165, 233
Anamnese 15
A queda do céu 87, 89, 90, 91, 92, 94, 95, 96
Autobiografia 7, 8, 9, 70

C

Cenas de Escrita 79, 80, 81, 83, 86
Cidade 1, 2, 3, 4, 6, 12, 16, 17, 19, 41, 50, 54, 55, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 104, 105, 118, 119, 120, 132, 144, 145, 176, 210, 233, 237, 248, 249
Cinema Engajado 225, 233
Clarice Lispector 1, 2, 3, 4, 5, 6, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78
Construção dos Sentidos 151
Cordel 49, 50, 57, 168

D

Dalcídio Jurandir 117, 118, 125, 126

E

Elisabeth Badinter 32, 33, 36, 37, 38
Escrita de si 87

F

Fantástico 24, 26, 28, 29, 30, 31, 110, 111, 112, 113, 114, 116

H

Herberto Helder 79, 80, 81, 86

I

Identidade 11, 15, 21, 27, 30, 35, 42, 61, 62, 89, 91, 96, 100, 119, 134, 135, 142, 167, 175, 189, 192, 200, 207, 208, 213
Imaginário 20, 32, 81, 112, 129, 191, 230
Inês Pedrosa 15, 16, 18, 20, 21, 22

L

Lisboa 16, 22, 30, 58, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 78, 86, 164, 213, 224
Literatura de Autoria Feminina 58
Literatura Francesa 7
Literatura Indígena 87
Literatura Juvenil 130, 135, 172, 173, 174, 175, 176, 179, 180

M

Medo 3, 11, 12, 19, 20, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 45, 97, 245

Memória 1, 4, 7, 8, 10, 13, 15, 16, 17, 18, 21, 22, 26, 27, 35, 41, 42, 43, 44, 46, 47, 48, 81, 82, 84, 93, 119, 135, 138, 140

Modernidade 32, 89, 96, 120, 209, 216, 221

Mulheres 12, 30, 32, 35, 36, 37, 38, 39, 41, 42, 43, 44, 45, 47, 49, 50, 56, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 91, 101, 146, 232

N

Narrativa Fantástica 24, 25, 110, 113

Narrativa Poética 1, 3, 4, 5, 6

O

Osman Lins 97, 98, 100, 101, 104, 105, 106, 107, 108, 109

P

Poesia 5, 22, 49, 50, 55, 56, 59, 79, 80, 84, 86, 138, 216, 217, 218, 219, 223, 224

R

Relações de gênero 24, 25

Representações sociais 32, 33, 34, 35, 37, 39, 40

S

Sertão 49, 50, 51, 54, 56, 57

T

Transfiguração 97, 98, 101, 106, 108

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-593-8

